

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
 Com estampilha 600 »
 Fora do reino accresce o porte do correio.
 Pagamento adiantado.
 Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—R. DA PRAÇA—OVAR

Proprietario e director

ANTONIO DOS SANTOS SOBREIRA

Composição e impressão

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
 Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
 Annuncios permanentes, contracto especial.
 25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
 Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 22 de Fevereiro de 1908

Declarações do chefe do partido regenerador

O *Heraldo de Madrid*, publicou, ha dias, a circumstancia da entrevista que D. Luiz Morote teve com o Conselheiro Julio de Vilhena, quando da sua vinda a Lisboa, por occasião dos ultimos acontecimentos. N'essa entrevista o illustre estadista — chefe do partido regenerador — fez tão importantes e interessantes declarações para a historia politica do nosso Paiz que, pela actualidade que revestem, reproduzimos:

«Faltos de homens, elegeram-no para chefe os regeneradores e elle aceitou, após alguma resistencia, e foi visitar o rei em 18 de outubro ultimo, um mez antes de se publicar no *«Temps»* a celebre *interview* de Galtier com o monarcha.

Sabe toda a gente que Julio de Vilhena não tornou a voltar ao palacio até ao dia 1.º de fevereiro, quando foi dar os pesames á familia real, pelo tragico attentado. Porque não voltou? Era isto que maior curiosidade me inspirava, embora advinhasse as causas, e por tal pergunta comeciei a confissão do illustre chefe dos regeneradores. Julio de Vilhena, sem se fazer rogar, fallou-me com toda a franqueza:

«Vi o rei a 18 de outubro, para lhe representar os immensos perigos da dictadura, como conselheiro leal, lealissimo, da monarchia. Sou monarchico, e não serei outra coisa em toda a minha vida, succeda o que succeder, porque considero as instituições monarchico-constitucionaes em Portugal como uma condição indispensavel da conservação das colonias. Mas eu disse monarchico-constitucional e não absolutista; e, se aquella demencia continuasse, teriamos nós que nos retirarmos á vida particular uns, e outros que abdicar do creio de toda a nossa existencia. Figurava eu, entre os primeiros, e d'ahi a minha entrevista com o rei D. Carlos.

Sahi desalentado do palacio, com a morte na alma, convencido de que era inutil quanto se fizesse para deter a marcha do Destino. O nosso infelicissimo soberano, infelicissimo pela derradeira «étape» do seu reinado, em que consentiu e auctorizou que se rasgasse a Constituição; infelicissimo, porque todos os seus actos derradeiros, contrastavam com a rectidão da sua alma, não quiz prestar aos meus conselhos a atten-

ção que devia, porque eram advertencias desinteressadas, cheias de amor pela sua, pessoa e pelas instituições. Por desgraça sua João Franco tinha-lhe transtornado o juizo. Era um juguete do dictador, cêra molle que elle amoldava aos seus caprichos. Era um caso de suggestão, de encantamento, e, se eu fosse supersticioso, diria até que de feiticaria.

«Ei-rei, que era um bom portuguez, um consumado portuguez, tinha acabado, com as incriveis suggestões de João Franco, por esta cousa triste: por não conhecer o seu povo. Tinham-n'o enganado, fazendo-lhe crer que tudo corria bem, que tudo estava socegado, que os universaes protestos dos habitantes do seu reino eram uma invenção de quatro politicos famintos do poder. Erro enorme! Tratei de tirar as cataratas ao rei, de o reintegrar no affecto e no respeito dos seus concidadãos, que nunca lhe podiam faltar, desde que se mantivesse dentro das praticas constitucionaes. Replicou-me com a sua fina cortezia, com a sua grande cordealidade, que não o abandonava nunca, como se replicasse a quem, em meio d'uma festa, interrompesse a alegria, fallando da vida eterna, com importunas allusões á eterna vida.

Ainda é tempo para Sua Magestade, dizia-lhe eu com a dôr no coração, por ter que empregar para com o meu rei palavras tão ousadas. A saude da monarchia está em que se acabe immediatamente a dictadura, em que se convoquem as Côrtes, que não pôdem estar dissolvidas legalmente, para o dia 2 de janeiro, em que cae o praso legal da sua necessaria reunião. O golpe d'Estado de João Franco, encerrando as Côrtes e mantendo-as encerradas durante um anno inteiro, não tem, não pôde ter força de lei. A Constituição manda que se reuna o parlamento, pelo menos uma vez em cada anno; não se fizeram camaras novas para obedecer a esse preceito; logo é nullo o decreto de dissolução, que não ia acompanhado do chamamento ao voto do paiz. A doutrina era tão clara, tão logica, tão ajustada ao regimen constitucional dos povos modernos, que eu ainda me não explico como tal se escondia á limpida intelligencia do rei. Mas este era um encantado, um suggerido, uma victima de João Franco.

E com esse enorme desalento sahi do Palacio, disposto a dirigir-me á consciencia do paiz, a fazer uma campanha na imprensa. Ou o dictador nos eliminava a todos da vida social portugueza, ou fallariamos tão alto que haviamos de ser ouvidos, e em todo o caso declinaríamos a responsabilidade da tormenta — que já estava sobre as nossas cabeças.

Empreendi, com effeito, uma campanha na imprensa. Escriptos por mim, publicaram-se artigos no jornal *«O Popular»*, de brilhante historia, de tradição liberal conservadora, o jornal em que o insigne Marianno de Carvalho, ex-ministro do rei, deixou para sempre gravado o seu genio de grande publicista e de grande patriota.

Que dizia eu n'esses artigos? Dizia ao dictador, para que o rei ouvisse, verdades como punhos, exercendo e mal dizendo a tyrannia, que é contraria ao nosso character, á nossa historia, á nossa razão de ser no mundo. Aqui nunca houve fanatismo politico, nem fanatismo religioso; aqui, a autocratica arbitrariedade da dictadura era uma planta exotica e maldita que deshonrava Portugal. E todos os meus artigos terminavam sempre annunciando que sobrevinha um crime ou uma revolução. «Varie vossa excellencia de programma — dizia eu ao dictador — ou de cartaz na comedia, porque senão chegará infallivelmente o drama. E pedia a Franco que se atrevesse a suspender-nos o *«Popular»*, a pôr-nos uma mordaca a nós outros, os monarchicos regeneradores, como já tinha sido posta aos liberaes e democratas do paiz. Não se atreveu a isso o desgraçado.

A dictadura era uma cousa contagiosa. Franco creou escola e, não havia um dictador só, havia uma nuvem de dictadores. Cada ministro, cada director geral, cada governador civil, cada presidente da camara municipal, era um tyranno e considerava-se investido d'uma missão semi-divina. Seria isto muito para rir, se não nos tivesse tanto tempo feito chorar! João Franco escolheu os seus collaboradores e os seus servidores entre gente disposta a atropellar tudo e a não sentir escrupulos. Elevou a ministro da justiça um moço que brilhara na Universidade, com todas as inexperiencias de quem acaba de abandonar as aulas, e dizia-lhe: «Redigeme uma lei sobre o assumpto tal». E o moço deslumbrado, sem nenhuma preparação de governante, n'um abrir e fechar d'olhos, em menos d'uma hora, despachava um decreto legislando sobre todas as cousas divinas e humanas. Em taes mãos estavamos todos nós, a Monarchia e a Nação.

O franquismo constituia uma enfermidade nacional, uma peste, um *cholera-morbus* asiatico. Cada franquista tinha um rei na barriga, e julgando-se um super-homem tratava de alto a humanidade inteira. E era inutil ou perigoso discutir com um franquista. Tinha a gente de se calar ou lhe bater, e bater-lhe constituia quasi um crime de lesa-magestade, porque a magestade unica do paiz era João Franco, com fatias de augusta soberania em cada franquista. Uma cousa insupportavel, fasti-

diosa, não já para a dignidade nacional, mas para a honra pessoal de cada cidadão. N'um povo como este, de tracto cordealissimo, tinha tornado impossivel a convivencia social com os loucos perversos d'esses mandatarios que nos desgovernavam.

Vós, os estrangeiros, não podeis fazer ideia do que temos soffrido. Regeneradores e progressistas, formando um blóco monarchico-constitucional, reunimo-nos no dia 2 de janeiro para celebrar uma assembleia, como se estivessem vivas as Côrtes, embora nós outros entendessemos que o estavam. Davamos assim uma prova d'amor ao regimen e ao patriotismo. Pois bem; por que nós outros, homens de governo, homens d'ordem, não provocamos disturbios nas ruas, ainda por cima soffremos a traço do dictador, exclamando com escandalosa ironia: «Passou o dia 2 de janeiro e não houve nada». Quer dizer, que desejava, que nos provocava a fazermos a revolução. Viuse já mais loucura igual (1).

Pondo-a bem manifesta, escrevi então um artigo vaticinando desditas e que terminava dizendo: «Agora o dictador que siga para a frente, que siga o seu destino de iman de electricidade nacional».

Era uma coisa unica e nunca vista. Portugal estava peor do que a Russia, violando, ao que se via, impunemente, todas as leis sociaes, politicas e naturaes. E' já impossivel no mundo manter a tirania. E' o em povos, como a Russia, onde a historia, a tradição, a vida inteira do povo, o seu amalgama confuso de raças, a sua enormissima população analfabeta, os seus milhões de aldeões acostumados a soffrer o jugo de uma escravidão que vem de seculos, a sua grande extensão, o seu afastamento da Europa, a sua superstição religiosa, tudo, enfim, favorece e estimula a persistencia da autocracia. Como não o ha-de ser em Portugal, cuja historia e tradições são eminentemente, profundamente, substancialmente, liberaes? Portugal tratado como a Russia! Portugal, onde a religião não opprimiu a consciencia e por isso acostumou só cidadãos á primeira das liberdades, á liberdade da razão! Portugal que, durante um seculo, praticou o regimen constitucional, talvez como nenhum outro povo da Terra, excepto a Inglaterra! Portugal que pôde pôr cathedra de *self government*. Portugal que é o paiz da tolerancia, a primeira virtude das sociedades modernas!

E agora tardará o corpo a recuperar-se de tantos venenos que o estragaram; será difficil, não digo impossivel, trazel-o á saude, á normalidade fisiologica. A isso nos devemos dedicar todos os liberaes, todos que amam Portugal, porque no povo, para uma mudança de fórma de governo, existem demasiadas manchas

das substancias toxicas que lhe injectaram, e, de resto, o estabelecido, só por já ser e estar, é mil vezes preferivel ao ignorado, ao novo. Eu nunca acreditei nem posso acreditar que haja algum partido conservador no mundo que seja capaz de governar sem um amplo espirito liberal.

Nós chamamo-nos regeneradores para nos distinguirmos dos liberaes, e não podemos nem queremos governar d'outra maneira. Chamamo-nos regeneradores para regenerar o nosso credito e a nossa Fazenda, e para avigorar e estender o nosso imperio colonial, para engrandecimento de Portugal: não para outra cousa, nem para tyransar ninguem, nem suprimir nenhuma liberdade.

No estado em que ficavam os espiritos ao cair a dictadura era impossivel constituir um governo *partidario*—regenerador ou progressista. Por isso, nem Luciano de Castro nem eu aceitamos o poder. De resto, acceital-o, teria sido contrariar, negar, recuficar as orientações, bem definidas, do Conselho de Estado.

O Conselho de Estado disse que se formasse um governo de *acalmiação*, em virtude d'isso, pensamos no homem que o podesse personificar. Só Ferreira do Amaral, afastado das luctas politicas e homem illustre a todos respeito, com as sympathias universaes do paiz. N'uma hora designei os dois regeneradores de categoria que podessem representar o partido, vencendo as naturaes resistencias de todo o homem de partido que só quer servir com o seu chefe. E ahí estão elles prestando a colaboração dos seus meritos e das suas luzes com perfeita e absoluta lealdade.

Ninguem me pergunte qual é a minha opinião. Agora mesmo acabo de escrever ao «Século», que me pedia o meu programma por perguntas e respostas nos problemas pendentes, negando-me redondamente a responder. Tenho o meu programma para quando o meu partido fôr ao poder; agora não tenho nenhum sobre o que fará ou deva fazer o gabinete de Ferreira do Amaral. Este governará com as suas ideias e sob a sua unica e exclusiva responsabilidade. Outra coisa seria correcto constitucionalmente e mais arriscado e pouco leal.

Tem elle o nosso apoio sem reservas e distincões; mas nada mais, porque não póde pretender nada, mais, sob pena de confusões politicas perigosas. Para dar o meu conselho ou a minha opinião teria sido melhor governar por minha conta e risco. Vale mais assim; mais vale a pacificação dos espiritos, precedendo uma politica definida, ou progressista ou regeneradora. Estamos curando as feridas da ditadura.

A estas horas, se tivesse acceitado o poder, estaria já a voltas com o magno problema da amnistia, necessaria, indispensavel, para a paz de Portugal, mas que talvez se interprete no mundo como uma obra de loucos. Que quer dizer isso—dirão—um paiz em que acabam de matar o rei e o principe herdeiro a outorgar uma amnistia plena e absoluta? Isso é um povo de doidos! E não sabem elles que mais sabe o doido em sua casa que o avisado na alheia! E não sabem que a ditadura que causou tantos estragos reclama remedios heroicos. Mas, emfim, não opinio, não voto, aguardo com a mera ancia do espectador patriota que o seu amor a Portugal illumine a boa vontade do illustre presidente do conselho, que bem merecerá das gerações presentes e futuras se conseguir conjurar a crise da nação, que a ditadura arrastou á beira do precipicio...

(1) As reuniões alludidas foram no dia 8 de dezembro. Mas a confusão de datas e acontecimentos, n'este ponto, será facilmente corrigida pelo leitor. E' evidente equívoco de Morote.

Tenente Belmiro

Os amigos d'este nosso illustre patricio e já insigne official do exercito ultramarino que, ao ter conhecimento do seu heroico e valoroso feito nos territorios da Guiné, lhe enviaram um telegramma de felicitações, acabam de lhe dirigir pelo paquete hontem sahido de Lisboa, uma mui honrosa mensagem com que o modesto mas destemido official se póde e deve engrandecer, quer pela forma litteraria porque se acha redigida quer pelo que ella traduz de sinceridade da parte dos seus amigos.

Eil-a

«Ao heroico tenente

Belmiro E. Duarte Silva»

Homem não estás sumido no desconhecido; Conhecê-lo todo, porque sabes que deves ser justo.

Victor Hugo.

A cortezania mata e a afabilidade natural e a amizade sincera.

Thackeray.

Em cada um dos signatarios ve-reis um amigo, na maior parte um patricio, em todos um admirador, em nenhum um adulator.

Entre portuguezes é muito difficil conquistar-se com justiça o brilhante titulo de—*Heroe*—; entre vareiros é impossivel haver um movimento de adulação.

Mas sempre entre nós ha-de haver um acto de justiça que, apezar de representada d'olhos vendados, se não deixa cegar pela amizade.

Até nós chegaram os echos do vosso brilhante feito d'armas na lucta, que a todos ennobrece, pela integridade e bom nome da nossa santa Patria; os reflexos luminosos da vossa aureola de gloria hão-de recahir ainda sobre a vossa terra e sobre os vossos amigos. Mas mais do que isso hão-de mostrar ao mundo que possui milhares de canhões e milhões de soldados que mais vale a alma e o amor da Patria d'um soldado portuguez do que legiões inteiras combatendo rodeadas de comodidades e abarrotadas do dinheiro!

E' preciso como uma firme e solida razão da nossa existencia que se saiba que *nós portuguezes* não queremos nem sabemos ser vencidos e que, atravez de todas as vicissitudes, a alma portugueza se conserva a mesma sempre rejuvenescida e heroica.

E que se nós só queremos vencer para poder perdoar e chamar ao caminho da civilização, da paz e do amor os que d'elle andam transviados, também saberemos esmagar quemquer que seja que ouze tentar sequer macular o brilho da Bandeira Portuguesa quando ella representa o symbolo sacrosanto da Patria!

E' que então dentro das suas dobras vae a alma d'um povo, e um povo nunca morre sobretudo quando esse povo é o portuguez e confia a sua alma á guarda do Exercito portuguez!

A vós o nosso saudar! E se, quem deve, não reconhecer a vilamente a vossa heroicidade, está ella reconhecida por nós que vos *authorgamos o titulo de—Heroe!*

Será pequena a nossa auctoridade para isso, mas é grande a sinceridade no cumprimento grato d'este nosso dever!

E com as nossas saudações os nossos sinceros votos porque a vossa estrella rutilante sempre com intenso brilho que para vós ha-de ser sempre o da victoria, e nos traga o mais breve possivel aos braços da vossa familia e dos vossos amigos. Ovar, 20 de fevereiro de 1907.

Abel Augusto de Souza e Pinho, Alberto d'Oliveira e Cunha, Amadeu Soares Lopes, Angelo Amaral, Angelo Zagallo de Lima, Antonio Arthur Ferreira da Silva, Antonio Augusto Freire de Lyz, Antonio Dias Simões, Antonio d'Oliveira Descalço Coentro, Antonio Maria Gonçalves Santhiago, Antonio Pinto Lopes Palavra, Antonio dos Santos Sobreira, Carlos Ferreira Malaquias, Delphim José Rodrigues Braga, Eduardo Marrecas Ferreira, Fernando Arthur Pereira, Francisco Joaquim Nogueira Junior, Frederico Ernesto Camarinha Abagão, Gonçalo Haert de Bacellar, João Maria Lopes, João da Silva Ferreira, Joaquim Augusto Ferreira da Silva, José Antonio d'Almeida, José da Costa Ruyundo, José Castro Sequeira Vidal, José Luciano Correia de Bastos Pina, Manoel André d'Oliveira Junior, Manoel Gomes Pinto e Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

NOTICIARIO

Corpos administrativos

O *Diario do Governo* publicou na passada segunda-feira, entre outros, o seguinte decreto:

«Attendendo no que me foi representado por parte das commissões administrativas, a que se refere o decreto de 12 de dezembro de 1907, e tendo em vista o disposto no artigo 18.º do Código Administrativo: nei por bem determinar, que os corpos administrativos districtaes, municipaes e parochiaes, que foram substituidos por commissões nomeadas nos termos do sobredito decreto, ou com execução d'elle, regressem ao exercicio das respectivas funcções em harmonia com o disposto no citado código, ficando assim dissolvidas as mesmas commissões.

O Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço em 15 de feveiro de 1908.—REI.—Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

Em execução d'este diploma já na quarta-feira passada funcionou em sessão ordinaria a vereação que a commissão administrativa havia substituido em consequencia de um dos mais odiosos decretos dictatoriaes franquistas.

Como era de prever foi readmitido o pessoal trabalhador que a commissão administrativa entendeu dever substituir no serviço municipal.

Dos antigos vereadores compareceram á sessão todos os effectivos á excepção dos snrs. dr. Cunha e Caetano Fernandes.

Governador civil

A' hora a que escrevemos corre que será nomeado Governador Ci-

vil de Aveiro o snr. Conde de Agueda, embora tambem tenha bastantes probabilidades do penacho o dr. Antonio Faustino dos Santos Crespo.

E' possivel que, quando este jornal entrar em circulação, já o assumpto se encontre definitivamente resolvido.

Em breve pois deve haver a nomeação de novo administrador do concelho.

Pesca

De quinta-feira em deante tem o mar permitido a faina da pesca e por isso as respectivas companhias têm molhado as redes mas com um parco resultado.

Correspondencia

Em nosso poder a correspondencia que de Cortegaça nos enviou o nosso solicito correspondente. Impossivel porém a sua publicação em consequencia da escassez de espaço. No numero seguinte verá a luz da publicidade.

Bom emprego de capital

Aos nossos leitores que desejem empregar bem o seu capital ou adquirir uma boa propriedade para vivenda n'esta villa recomendamos o annuncio inserto hoje no nosso jornal na respectiva secção com a epigraphe *Propriedade em Ovar*.

A camarilha

Em consequencia do eminente desfazer de feira palaciano consta com todos os visos de verdade que *requereu* a sua reforma o snr. Conde de Arnozo que deixará o exercicio das antigas funcções de secretario particular de El-Rei e que pediu a sua demissão o snr. Conde de Tarouca. Para o logar de secretario particular de El-Rei D. Manoel indigita-se o insigne capitão de Estado-Mayor, nosso conterraneo, snr. Manoel de Oliveira Ramos, um dos mais brilhantes talentos d'aquella arma superior. Manoel Ramos fôra e ainda é um dos preceptores de Sua Magestade. Espirito rasgadamente liberal, rutilante intelligencia e perspicacia deslumbrante de envolta com a mais inconcussa honradez são qualidades e dotes que exornam a personalidade do indigitado e serão, no futuro, solida garantia do bom e correcto desempenho das confidenciaes attribuições que lhe vão ser confiadas.

Registamos com o maior prazer o boato que bem desejamos se traduza em realidade pois a nossa vontade seria ver o Paço Real servido pela fidalguia popular e liberal, do talento, da competencia e da honradez.

E vem a proposito perguntar: quando se varrerá com a maioria do que por alli se vê de reaccionario e retrogrado?

O Monarcha, iniciando o seu reinado por uma nova orientação assáz já manifestada, precisa de se cercar apenas de homens de merito, leaes conselheiros e servidores. Ao governo compete nortear-se, no que lhe toca, n'este sentido.

Espectáculos carnavalescos

Definitivamente assente que haja dois espectáculos no nosso theatro no domingo gordo e na terça-feira do carnaval afim de destruir um pouco a pezada monotonia d'aquellas noites entre nós.

E' a troupe dos antigos amadores que vem proporcionar-nos esses passatempos e dar-nos azo a que, nos limites d'uma comedia liberdade, possamos passar agradavelmente aquellas duas carnavalescas noites.

No primeiro dia (domingo) sobem á scena as comedias em um acto *Distrações de Simplicio* e *Depois de velhos... gaiteiros* e o disparate carnavalesco, original de um curioso, *Os espinhos de Marilia*; na terça-feira far-se-ha reprise de *Os espinhos de Marilia* por onde abrirá o espectáculo, representar-se-ha a comedia em 1 acto *Prova do crime* e fechará o espectáculo a operetta n'um acto *Reino da Bolha*. Tanto n'um como n'outro espectáculo haverá cançonetes e monologos além das surpresas proprias da epoca.

Devem ser duas casas cheias e para isso sem duvida ha-de contribuir bastante a cooperação da distincta actriz Urbana Ribeiro que de tão grandes sympathias justamente goza no nosso meio.

A venda de bilhetes será feita na *Havanese* dos nossos amigos Ferreira da Silva e os preços serão os ordinarios.

Reservistas

Nos paços do concelho e pelas 9 horas da manhã, tem logar a inspecção aos reservistas das differentes freguezias d'este concelho nos seguintes dias:

Hoje, 23, freguezia d'Ovar.
8 de março, freguezia d'Esmoriz, S. Vicente e Vallega.
15 de março, Arada, Cortegaça e Maceda.

Contribuições do Estado

Termina no proximo sabbado, 29, o prazo já prorogado para o pagamento voluntario das differentes contribuições do Estado, depois do qual esse pagamento fica sujeito aos juros da móra.

Aggressão

Na quarta-feira passada, cêca de uma hora da tarde, deu-se no Largo da Estação d'esta villa, um conflicto entre os dois amantes José Bernardo Monteiro, solteiro, serralleiro, e Maria Domingues Mano, a Lya, casada, ambos alli residentes, ficando esta bastante contundida pelo corpo e aquelle ferido com duas facadas.

Depois d'uma altercação entre elles na taberna do snr. João Tavares Cardoso, o Monteiro esbofetou a amante, lançando-a ao chão e pisando-a aos pés. Esta, em desagravo, com uma pequena navalha com que descascava uma laranja, vibrou no amante duas facadas, sendo uma na testa e outra no baixo ventre, cujos ferimentos não são de gravidade.

A Lya foi presa e o Monteiro deu entrada no hospital, onde se conserva em tratamento, sendo ambos entregues ao poder judicial.

Diz-se que o conflicto foi originado por ciúmes.

Nova sapataria

O antigo e conceituado fabricante de calçado e nosso amigo Antonio Maria Valente Pereira Rosas, acaba de estabelecer-se por conta propria, abrindo amanhã a sua nova sapataria na rua da Praça. E' d'esperar que os seus antigos freguezes, os seus amigos e o publico em geral continuem a dispensar-lhe o seu auxilio, procurando-lhe o seu trabalho, pois de tudo é merecedor o abalizado artista, attenta a sua seriedade, aperfeiçoamento nas obras de que se incumbem e modicidade de preços.

Desejamos-lhe, pois, muita freguezia e as prosperidades de que é digno.

Notas a lapis

No dia 17 deu á luz, com muita felicidade uma robusta creança do sexo masculino a snr.^a D. Sophia d'Oliveira Vaz e Vidal, dedicada esposa do nosso excellente amigo José de Castro Sequeira Vidal.

Desejando uma venturosa existencia ao recém-nascido, endereçamos a seus paes os nossos parabens.

CHRONICA**(NOTA LIVRE)**

Dois principios estabeleceu Adam Smith, que merecem acceitação universal foram o do trabalho livre e o do commercio livre.

Inquestionavelmente n'um seculo d'aspirações definidas e superiores, é impossivel cercar ao trabalho e ao commercio a garantia mais segura da felicidade geral: a Liberdade.

Isto, sob o duplo ponto de vista politico e humanitario.

Mas encarado e assumpto sob a feição puramente economica, certo é tambem que o trabalho e o commercio devem ser livres. Discorramos.

E' verdade que a divisão do trabalho, principio biologico e principio da economia social, é de vantagem incontestada. A perfeição da obra, o adextramento do artista, a simplificação dos misteres, etc., etc., são outras tantas suas reconhecidas vantagens.

Mas isso não quer dizer que a divisão do trabalho seja levada a um ponto excessivo ou se torne um facto d'atroz exclusivismo.

Em tempos, uns mineiros de Cornouailles, tendo estas minas deixado de ser exploradas, foram procurar trabalho nas minas de hulha.

Os mineiros d'estas ultimas quizeram obstar ao accesso de novos companheiros, sob o pretexto declarado de que esses não estavam habituados a identico serviço, mas no fundo eram levados pelo desejo de manterem os seus salarios d'elevado preço. Um exclusivismo feroz, que esconde um egoismo censuravel. Preferiam que os seus companheiros fossem morrer de fome ou vegetar na cadeia, a consentirem-lhes a livre concorrência!

E' sabido que os instrumentos necessarios para producção da riqueza são o trabalho, agente de producção, e a terra, origem dos materiaes. O capital, que apenas facilita essa producção, apparece como um instrumento meramente auxiliar, de segunda ordem.

Pois bem. Cerceie-se a liberdade de trabalho. Não só d'essa forma se recusa um dos mais legitimos direitos—o direito ao trabalho,—mas

ainda se reduz o trabalho, e portanto se produz menos riqueza.

Não são só pois principios politicos e humanitarios, mas ainda motivos d'ordem economica que prescrevem d'uma maneira absoluta a Liberdade de Trabalho.

O mesmo se dá com o Livre Cambio.

E' um erro suppor que se beneficia uma nacionalidade, organisando um systema de protecção pautal, para dadas industrias ou qualquer ramo de Commercio. Enriquecem-se meia duzia de industrias ou negociantes, mas o paiz pouco lucra, se mesmo não perde.

A unica maneira de se fazer Riqueza, é produzil-a, e tanta mais haverá, quanta mais facilidade houver em produzil-a. Cada região deve produzir o que puder fazer, com mais facilidade e com maior abundancia, e ao publico convem procurar esses productos onde os puder obter por preço mais reduzido.

Os governos devem ter em vista não os interesses de meia duzia de industrias ou capitalistas, mas o de todos—e a Riqueza de todos positivamente não aumenta elevando as pautas a productos estrangeiros, que em Portugal se imitam n'uma macaque desastrada e se compram por um preço ignobil.

O Direito ao trabalho e o Livre Cambio são pois duas reclamações justas d'aquelles que esquecendo interesses egoistas desejam apenas o triumpho dos principios liberais e o augmento da Riqueza geral.

Mendes Corrêa, Filho.

Annuncios**Editos de 30 dias****(1.^a PUBLICAÇÃO)**

Na comarca de Ovar, e pelo cartorio do escrivão Freire de Liz, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando o interessado Augusto Pinto d'Almeida, solteiro, de maior idade, auzente nos Estados Unidos do Brazil, em parte incerta, para assistir a todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pae Manoel Pinto d'Almeida, morador, que foi, no logar do Monte de Candosa, da freguezia de Vallega, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 15 de Fevereiro de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz. (635)

ANNUNCIO**(1.^a PUBLICAÇÃO)**

Pelo Juiz de Direito, da comarca de Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio no

«Diario do Governo», citando os interessados Domingos Nunes Coelho, maior, e Joaquim Nunes Coelho, menor, pubere, ambos auzentes no Brazil, em parte incerta, para todos os termos até final do inventario por obito de seu pae Manoel Nunes Coelho, que foi da Murteira d'Arada, no qual figura como cabeça de casal a sua viuva Joanna Fernandes, d'ahi, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 18 de Fevereiro de 1908.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

(636)

ASSOCIAÇÃO**Bombeiros Voluntarios**

Nos termos do § unico e por força do disposto no n.º 2.º do art. 12.º, combinado com o art. 6.º, dos Estatutos d'esta Associação são convocados a reunirem-se extraordinariamente pelas 12 horas da manhã do dia 1.º do proximo mez de março na sala das sessões da Associação, todos os socios activos e auxiliares para o effeito de tomarem conhecimento de um officio dirigido pela direcção do qual consta haver esta proposto, na sua sessão de 2 do corrente, para socio benemerito o Ex.^{mo} Snr. Manoel Maria Barbosa Brandão.

Ovar, 20 de fevereiro de 1908.

O presidente,

Antonio dos Santos Sobreira.

PROPRIEDADE EM OVAR

Vende-se uma de um andar, em excellentes condições, com bons commodos, agua dentro e bellas vistas, com frente para o Largo dos Campos e esquina para a rua do Loureiro.

Tambem se arrenda, mas prefere-se vender. E' bom negocio.

Falla-se em Ovar com o snr. Manoel Coelho da Silva, rua da Graça, 21.

VENDE-SE

Uma casa alta situada na rua de Santo Antonio, por motivo de retirada de sua dona. Quem a pretender dirija-se a Maria José dos Santos Lima Carneiro.

Deposito de louças**e vidros do Porto**

M. M. Santos Adrião

RUA D'ASSUMPCÃO, 20 E 21 — PORTO

Telephone 105

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 6 de novembro de 1907

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESCENDENTES

HORAS			Natureza dos comboios
S. Bento	Ovar	Aveiro	
MANHÃ	P. 5,20	Ch. 6,58	Tramway
	6,35	7,52	Omnibus
	6,59	8,38	Tramway
	8,49	—	Rap. (1.ª e 2.ª)
	9,47	11,27	Tramway
TARDE	2,45	3,59	Expresso
	3,40	5,16	Tramway
	5	—	Rapido luxo
	5,34	7,22	Tramway
	8,44	10,10	Correio

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

ASCENDENTES

HORAS			Natureza dos comboios	
Aveiro	Ovar	S. Bento		
MANHÃ	P. 3,54	4,51	6,32	Tramway
	5,45	6,24	7,47	Correio
	—	7,20	9,1	Tramway
	—	10,10	11,54	Tramway
	11,1	11,54	1,51	Tramway
TARDE	2,2	—	3,19	Rapido Luxo
	—	5,35	7,17	Tramway
	5,33	6,18	7,46	Omnibus
	9,53	—	11,16	Rap. (1.ª e 2.ª)
	10,19	11	12,22	Omnibus

FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

LIVREIROS EDITORES

Rua Aurea, 132 a 138

—LISBOA—

SERÕES

Revista mensal ilustrada

Cada numero, com 2 suplementos—
A musica dos Serões e Os Serões das senhoras—200 réis.

D. Quixote de La Mancha

DE

CERVANTES

Em 3 volumes—cada volume br. 200 réis, enc. 300 réis.

O QUE DEVEMOS SABER

Bibliotheca de conhecimentos uteis

Cada volume de 200 a 300 paginas illustrado e impresso em bom papel, com encadernação de panno, 300 réis.

um volume de 2 em 2 mezes

Esta bibliotheca renne em pequenos volumes portateis, ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolsas, as noções scientificas mas interessantes, que hoje formam o patrimonio intellectual da humanidade.

Volumes já publicados:

Historia dos eclipses. O homem primitivo

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES & C.ª

108, Rua de S. Roque, 110

—LISBOA—

Tratado completo de cosinha e copa

POR

CARLOS BENTO DA MAIA

Auctor dos Elementos de Arte Culinaria

Fasciculo de 16 pag. illustrado, 40 réis
Tomo de 80 paginas illustrado, 200 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

—LISBOA—

Traz em publicação:

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas. 30 réis
Tomo de 80 paginas. 150 réis

VINGANÇAS D'AMOR

Empolgante romance original do celebre auctor do «Rocambol»

PONSON DO TERRAILL

Compõe-se de 5 partes, a saber:

A Mulher do Bandido; Companheiros no Amor; A Dama da Luva Negra; A Condessa de Asti e A Bailarina da Opera.

Illustrações de Silva e Souza

O CRIME DE RIVECOURT

Lindissimo romance dramatico de Elie Berthet

ATRAVEZ DA SIVERIA

Aventuras extraordinarias de tres fugitivos

por Victor Tissot e Constante Améro

Illustrada com esplendidas gravuras

Obra no genero de Julio Verne

De cada uma d'estas publicações:

Fasciculo de 16 pag. 20 réis
Tomo de 80 paginas. 100 réis

Manual da cosinheira

Muito util a todas as mãs de familia, cosinheiros, restaurantes, casas de pasto, hotéis, etc.

Mais de 1:500 receitas para ricos e pobres

Fasciculo de 16 paginas. 20 réis
Tomo de 80 paginas. 100 réis

VIUVA E VIRGEM

Romance d'amor

por Jules Fernina

Versão livre de J. da Camara Manoel

Illustrações de Alfredo de Moraes

Fasciculo de 16 paginas. 20 réis
Tomo de 80 paginas. 100 réis

Birndes a todos os assignantes

João Romano Torres

EDITOR

112, Rua de Alexandre Herculano, 120

—LISBOA—

Traz em publicação:

A ALA DOS NAMORADOS

Romance historico

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

Edição illustrada

Cada fasciculo. 40 réis
Cada tomo. 200 réis

Toda a obra constará apenas de 12 tomos

As mil e uma noites

CONTOS ARABES

Edição primorosamente illustrada, revista e corrigida segundo as melhores edições francezas, por Guilherme Rodrigues.

O maior successo em leitura!

20 réis cada fasciculo. Cada tomo 100 réis.

EMPREZA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHVI

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAS)

Descrição popular das raças humanas e do reino animal, edição portugueza larguissimamente illustrada.

60 réis cada fasciculo mensal e 300 réis cada tomo mensal Assignatura permanente na sede da empreza.

NOVO DICCIONARIO

ENCYCLOPEDICO

ILLUSTRADO

POR

Francisco d'Almeida

Fasciculo, 50 réis—Tomo, 250 réis

Empreza Editora Costa Guimarães & C.ª

Avenida da Liberdade, 9

—LISBOA—

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

—LISBOA—

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 paginas. 30 réis

Cada tomo. 150 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

—LISBOA—

Tuberculose social.—Critica dos mais evidentes e perniciosos males da nossa sociedade, por Alfredo Gallis.

I. Os Chibos.—II. Os predestinados—III. Mulheres Perdidas—IV. Os Decadentes—V. Malucos?—VI. Os Politicos—VII. Saphicas.—Cada volume 500 réis.

A giria portugueza.—Esboço de um dictionario de calão, por Alberto Besa, com prefacio do dr. Theophilo Braga. 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.

A Mulher de Luto.—Processo ruidoso e singular. Poema de Gomes Leal, 500 réis.

Antiga Casa Bertrand

DE

JOSÉ BASTOS

73 e 75 —R. Garrett—73 e 75

—LISBOA—

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos.—200 réis.

EDITORES—BELEM & C.ª

R. Marechal Saldanha, 26

Em publicação:

A FILHA MALDITA

Romance illustrado

de EMILE RICHEBOURG

Caderneta semanal de 16 paginas, 20 rs.
Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

Lgrimas de Mulher

Romance illustrado de D. Julian Castellanos

Caderneta semanal de 16 pag. 20 réis
Tomo mensal em brochura. 200 réis

M. Gomes, EDITOR

Chiado, 61 —LISBOA—

Todas as litteraturas

Historia da litteratura hespanhola

PARTE I—Litteratura arabico-hespanhola.
PARTE II—Litteratura hespanhola desde a formação da lingua até ao fim do seculo XVI.
PARTE III—Litteratura hespanhola desde o fim do seculo XVII até hoje.
PARTE IV—Litteratura hespanhola no seculo XIX—Poesia lyrica e dramatica.

1.º volume. in-32.º de 330 paginas—400 réis

Com um plano d'uma grande simplicidade e ordem, precisão de factos e de juizos e inexcelsível clareza de exposição e de linguagem se condensa n'esse volume a historia de todo o desenvolvimento da litteratura hespanhola desde as suas origens até agora. Livro indispensavel para os estudiosos recomenda-se como um serio trabalho de vulgarisação ao alcance de todos.

NO PRELO

Historia da litteratura portugueza